



AUTENTICIDADE TEXTUAL NA PRÁTICA DA LEITURA: uma abordagem crítica reflexiva no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa

Marcelle Santos Rosa DONATO¹
Kanavillil RAJAGOPALAN²

RESUMO

A presente pesquisa, de cunho qualitativo, é um recorte de uma pesquisa de Mestrado, em andamento, a qual parte do pressuposto de que ensinar uma língua vai além das classificações gramaticais de que essa se constitui. Nessa perspectiva, propõe-se uma metodologia diferenciada no ensino da língua inglesa, envolvendo alunos e professor, a partir do uso de textos autênticos, no intuito de propiciar, aos participantes, oportunidades de desenvolver a habilidade de leitura e a capacidade discursiva diante dos significados atribuídos ao texto, motivando o senso crítico-reflexivo do aprendiz. Acredita-se, pois, na necessidade de proporcionar a este, momentos de discursão e interação entre todos os envolvidos com temas relacionados às suas próprias realidades. Para tanto, busca-se aplicar essa metodologia em uma escola pública, na cidade de Teixeira de Freitas – Bahia, com uma turma do terceiro ano do Ensino Médio. O suporte teórico adotado considera postulados referentes à leitura e criticidade no ensino de inglês que tem por base os estudos de Freire (1989), Rajagopalan (2003), Lima (2009), Liberali (2009), Marcuschi (2010), dentre outros, bem como concepções teóricas sobre a autenticidade textual em língua inglesa, que problematizam o conceito e analisam a utilização desse material no campo da aprendizagem de línguas, dentre outros especialistas, os quais baseiam a pesquisa. A fim de alcançar o objetivo do presente estudo, serão realizadas análises interpretativas de dados coletados, que compreendem questionários escritos aplicados aos participantes, entrevista semiestruturada com os alunos, notas de observação da professora-pesquisadora, sessões reflexivas com a professora-participante e, transcrições de gravações dos encontros. Assim, acredita-se que a metodologia adotada nos encontros, juntamente com a análise dos dados, auxiliará na percepção de como o desenvolvimento da leitura e a habilidade crítica-discursiva dos indivíduos se dão através da utilização de textos autênticos em sala de aula, podendo contribuir para sua formação social, política e ideológica.

Palavras-chave: Ensino da língua inglesa; Textos autênticos; Criticidade.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e Graduada do Curso Letras/Inglês na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). celle_rosa@hotmail.com

² Doutor em Linguística Aplicada (PUC-SP) e Pós-Doutor em Filosofia da Linguagem (Universidade da Califórnia, Berkeley, EUA). Professor na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). klrajagopalan@yahoo.com



INTRODUÇÃO

O fazer pedagógico é considerado um ato de contribuição, para professores e alunos, no que se refere à transmissão de saberes que influenciam na formação identitária de cada indivíduo como ser social, em que o educar torna-se um processo de aprendizagem permanente. Assim, ensinar e aprender são elementos de um mesmo processo que exige flexibilidade em sua prática. Desse modo, professores, dos diferentes níveis de ensino, procuram refletir sobre ações prováveis para o crescente desenvolvimento do ensino de línguas no contexto da escola pública.

Entretanto, para que esse pensamento se transforme em prática, é necessário que o espaço educativo se torne um ambiente de superação de desafios pedagógicos, tentando minimizar as deficiências e ressignificar a aprendizagem, para que essa passe a ser compreendida como construção de conhecimentos e desenvolvimento de competências em vista da formação cidadã. Sendo assim, em meio às estratégias de ensino de línguas estrangeiras, mais especificamente da língua inglesa, é proposta aqui uma metodologia que vise a formação do sujeito, baseada em discussões teóricas que ampliem sua visão de mundo, bem como, no estabelecimento de uma interação entre todos os envolvidos no processo, ao ter como instrumento fundamental de ensino o contexto sócio-histórico-cultural.

Dessa forma, a presente pesquisa busca proporcionar, aos alunos e o professor da língua inglesa, da rede pública de ensino, momentos de ensino-aprendizagem que conduza a uma abordagem crítica/reflexiva através do uso de textos autênticos e que oportunize momentos de discursão e interação entre os envolvidos com temas relacionados à sua própria realidade. Portanto, esta mesma pesquisa defende a ideia de que a língua, quando considerada como prática social e de natureza sociointeracional (LIBERALI, 2009), é um instrumento com o qual o aprendiz pode desenvolver também, por meio da interação com o outro, a construção da cidadania pelo acesso a outras culturas e ideologias, e ao seu próprio contexto social e histórico, sendo estimulado a refletir e criticar os conteúdos dentro e fora do ambiente escolar.

Busca-se oportunizar, então, a partir dessa nova iniciativa, o desenvolvimento do pensamento crítico/reflexivo, tanto do professor quanto do aluno, dando-os autonomia para externar ideias e concepções diversas relacionadas a determinadas temáticas apresentadas aos textos. Dessa forma, considera-se importante desenvolver, no ensino de inglês, a consciência crítica num processo reflexivo e racional, através da interação dos sujeitos e os textos, com vista à construção e



reconstrução do significado para produzir conhecimento e cidadania (EDMUNDO, 2010).

Diante do exposto, essa proposta metodológica faz parte do interesse de pesquisa da mestranda Marcelle Santos Rosa Donato, inserida no Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, ofertado pela Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB), em Vitória da Conquista, sendo que, os resultados deste trabalho ainda não foram alcançados, estando o processo em andamento.

BREVES REFLEXÕES ACERCA DO ATUAL CONTEXTO DO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

Através do caráter social da língua, nota-se que as representações discursivas estão imbricadas às relações de poder político, cultural e ideológico, materializadas pelos indivíduos através da língua. Partindo da concepção de língua enquanto uma forma de expressão de poder e dominação, busca-se defender o ensino de um idioma através de uma perspectiva crítica que compreenda a língua como discurso e não como uma simples estrutura linguística autônoma.

Entretanto, o ensino de inglês no Brasil tem se mostrado ineficiente por diversos fatores, destacando aulas com metodologias ou utilização de materiais didáticos que não atendem às expectativas dos alunos, gerando desvalorização e desinteresse pela disciplina; reflexão esta que está diretamente imbricada com o objeto de estudo desta pesquisa. Percebe-se, assim, que o ensino de língua inglesa no contexto atual, configura-se, ainda, marginalizado na educação básica brasileira, posicionando-se entre as disciplinas menos valorizadas pela comunidade estudantil (LEFFA, 2001; PAIVA, 2003).

Foi assim que preocupações relacionadas ao envolvimento do ensino do inglês, principalmente, na rede pública de ensino, surgiram, fazendo com que reflexões e novas iniciativas fossem realizadas. De acordo com Andrade (2011, p. 09), o ensino do inglês “[...] deve estar embasado em uma concepção de língua mais voltada para a diversidade discursiva que permeia o mundo no qual está inserido o educando”.

Considerando, então, as atuais necessidades de mudanças no contexto de ensino da língua inglesa no Brasil, a partir de uma abordagem sociointeracional, a noção de língua tem se modificado. Não se apresenta apenas como um mero sistema fonológico e morfológico, uma vez que, a língua é um veículo essencial para a comunicação entre os homens e funciona, também,



como meio de acesso ao conhecimento. De acordo com Bakhtin (2006), a língua é um produto social e histórico, uma forma de interação social concretizada pelas enunciações. Em consonância com o pensamento bakhtiniano, o ideal é que todo o processo de ensino-aprendizagem corrobore para o desenvolvimento do indivíduo através da língua e seja envolvido em questões críticas e sociais. Portanto, compreende-se que o ensino de LE deva ser contextualizado para que se estabeleçam possibilidades de transformação do sujeito e assim da comunidade na qual está inserido, resultando no enriquecimento da sua formação enquanto ser social.

Diante disso, o ensino de uma LE que se caracteriza como elemento de transformação, disposto a dar significado e satisfazer as necessidades reais e cotidianas dos sujeitos, precisa construir perspectivas pautadas nas bases de que o sujeito se relaciona com o mundo e com os outros no mundo, através de uma língua significativa e repleta de possibilidades interpretativas. Dessa forma, é preciso pensar no ensino de LE como canal de aprimoramento do conhecimento humano e que, naturalmente, através da linguagem é possível transformar alunos em sujeitos críticos e reflexivos: cidadãos em construção.

CONCEPÇÕES DE LEITURA E CRITICIDADE: O PAPEL DA REFLEXÃO CRÍTICA

Ler, comunicar, relacionar, utilizar a língua e seus aparatos é condição essencial para o desenvolvimento do indivíduo. Ao se relacionar com o mundo esse indivíduo se constrói através de atos culturais, políticos e sociais. De acordo com Rego (2011), ao mesmo tempo em que o ser humano transforma seu meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo. Sendo assim, todo o conhecimento adquirido ao longo de sua formação é responsável pela constituição do sujeito na sociedade.

Por esse viés, Freire (1989), preconiza que os sujeitos, antes de qualquer coisa, necessitam ler o mundo ao seu redor, e que essa leitura e esse olhar precedem a leitura da palavra. Desse modo, a capacidade crítica do indivíduo se desenvolveria de maneira mais abrangente e eficaz. Para o autor, a compreensão do texto a ser alcançada por uma leitura reflexiva implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Portanto, Freire (1989) acredita que a construção do cidadão crítico e assim o desenvolvimento da criticidade – tema que hoje muito se discute – parte da premissa do abrir dos olhos para enxergar o mundo em que se vive. É através de um ensino que preconize o desenvolvimento do senso crítico que o indivíduo poderá ser levado a discutir os

problemas que envolvem seu cotidiano e assim, poderá ser capaz de resolvê-los de maneira autônoma. Para Hussein (1982), a criticidade inicia-se na escola com as atividades elementares que levam o aluno a distinguir a realidade da fantasia e através de comparações entre o que se lê e o que se vive, julgar as informações obtidas entre essas duas perspectivas.

De fato, a habilidade da leitura crítica, se desenvolvida no ambiente educacional, poderá ser benéfica para o crescimento intelectual do aprendiz, o que o fará ser capaz de tomar decisões acertadas, tanto no âmbito social, como no âmbito linguístico. Nesse sentido, os PCN (1998) partem para uma discussão acerca da criticidade enquanto formação de um leitor atento que discuta o que lê e não apenas decodifique a mensagem.

Entretanto, discutir criticidade e formação do cidadão, apesar de estar em voga há muito tempo em estudos como o de Freire (1989), os PCN (1998), Liberali (2009), entre outros, só recentemente, têm tomado proporções mais notórias no que diz respeito à adoção dessa concepção nos ambientes educacionais. Segundo Jordão (2007), pensar em letramento crítico e/ou criticidade se divide em duas vertentes. A primeira, da qual discorda Jordão (2007), é a corrente marxista que enxerga a criticidade como:

[...] consciência da opressão sofrida por muitos, impetrada por poucos, mas passível de resistência, em movimentos de oposição e luta que, se bem estruturados, levariam à igualdade entre as pessoas; significava que os cidadãos deveriam ser formados para que fossem capazes de lutar contra a hegemonia das minorias e buscar relações de justiça e igualdade entre as pessoas, uma vez que o poder era visto como essencialmente pernicioso. (JORDÃO, 2007, p. 22)

A segunda corrente é advinda do pensamento de Foucault que apresenta a criticidade sob a perspectiva da relação de poder, a qual gera uma resistência potencialmente positiva e que produz uma série de diferentes conhecimentos modificados ao longo das convivências estabelecidas nas relações entre os sujeitos críticos, dotados de uma capacidade de examinar e inferir criticamente nas diversas situações cotidianas.

Nessa última perspectiva, com a qual corrobora este trabalho, os sujeitos que estão no mundo e localizados nele partem em direção ao outro com o seu legado, sua história e conhecimentos socioculturais adquiridos ao longo de sua vida. Em contrapartida, recebem outros valores que os modificam e os tornam conhecedores de novos saberes.

AUTENTICIDADE TEXTUAL

O contexto atual do ensino de língua inglesa no Brasil, influenciado por uma tendência sócio, histórica e cultural, objetiva formar alunos críticos e participativos na sociedade por meio de estudos no campo da Linguística Aplicada Crítica (LAC). Esta disciplina de estudos da linguagem, defendida por autores como Pennycook (1998), Rajagopalan (2003) e Kumaravadevelu (2006) propõe uma visão reflexiva e transgressiva em torno da língua e seu ensino através da abordagem de temas sobre identidade, etnia, gênero, política, etc.

De acordo com essa proposta de um ensino de língua que privilegie a criticidade do educando, alguns autores (FAIRCLOUGH, 1999; LIMA, 2009; MARCUSCHI, 2010) acreditam ser indispensável que o processo de ensino seja organizado em torno do estudo do texto, pois, a partir dele, diversas dimensões, metodologias e habilidades podem ser desenvolvidas, por exemplo, no âmbito lexical, gramatical, cultural, político, ideológico, etc. Para tanto, é necessário definir o que é texto.

Sabe-se que a ideia de texto, no senso comum, está bastante arraigada à modalidade escrita, primeiramente, devido ao advento da imprensa e, mais recentemente, com o surgimento da internet, onde circulam diversos gêneros textuais. Entretanto, Fiorin e Platão (2003) afirmam que o texto não é apenas um conjunto de frases e vai além do campo meramente linguístico, das palavras, pois, todo texto possui um enunciado dentro de uma discussão mais ampla.

Orlandi (2001) também apresenta, a partir da Análise do Discurso, uma definição de texto, seja oral ou escrito, segundo sua unidade significativa, como a materialização do discurso (efeito de sentidos entre locutores). Entretanto, texto não se caracteriza apenas pela sua forma, tipo e gênero, mas pelas ideias que o constitui, pelos significados criados pelos autores e leitores. Assim, é impossível não atrelar os sujeitos sociais à noção de texto. Lima (2009 p. 48) afirma que “fora do texto – e do contexto – não existe significado possível”. Portanto, ser capaz de ler e compreender o texto dentro de uma escala mais abrangente significa alcançar o nível do discurso e suas implicações socioculturais, políticas, linguísticas e estéticas.

Dessa forma, essa noção de texto se relaciona com a de autenticidade, tanto pela visão do leitor quanto do autor. É uma maneira de aproximar o aprendiz ao uso real da língua-alvo e do seu contexto social ao ensino. Pois, dentre diversas definições do que seja texto autêntico, as visões de Harmer e Numan (1989) *apud* Oliveira (2005), especialmente, corroboram com os objetivos desta



pesquisa. Os autores afirmam que textos autênticos são aqueles especificamente criados para falantes nativos, ou seja, textos reais, não produzidos para fins de ensino-aprendizagem de língua, mas para falantes da língua em questão.

A autenticidade dos textos, porém, não deve referir-se somente à sua produção a partir do uso da língua em si, em um determinado contexto real de comunicação e à sua forma, mas também à relevância que esse texto apresentará para o leitor. Será ele real em termos de compreensão linguística e de significação das ideias, pois, são os leitores que darão sentido e gradual autenticidade ao texto através da interação e engajamento discursivo. Afinal, a partir do momento que o texto é retirado do seu contexto real e levado para a sala de aula, pode-se perder a autenticidade em termos de função. De acordo Widdowson (1994), o texto pode ser autêntico, por exemplo, de jornais e revistas, em termos linguísticos, mas se não tem relevância para a realidade e contexto cultural, deixa de ser autêntico para o leitor.

Assim, como todo texto se insere em algum determinado gênero, o estudo de diversos gêneros textuais torna-se uma importante ferramenta, tanto para conhecimento, produção e compreensão linguística/textual, quanto para atingir o objetivo de um letramento crítico no ensino de LE (MARCUSCHI, 2010). Sendo assim, é relevante trabalhar com textos materializados na vida diária, tais como: vídeos de notícias, contos, séries, textos jornalísticos, charges, entre outros. Pois, nesse caminho é que o ensino de língua inglesa pode ser desenvolvido, sempre levando em consideração os enunciados cotidianos e significativos para os sujeitos participantes desse processo. De acordo com Lima (2009),

O ensino de línguas estrangeiras deve ser organizado em torno do estudo do texto (textos de todos os tipos e gêneros, em seu sentido mais amplo e profundo, no nível do discurso, implicando o conhecimento da noção dinâmica de textualidade e discursividade), uma vez que o texto faz girar todas as dimensões desse ensino: lexical, gramatical, semântica, estética, política, cultural, etc. (LIMA, 2009, p. 51)

Diante disso, uma aula de LE pode tratar de diversos conteúdos – ideológicos, culturais, históricos e sociais - não somente gramaticais, mas que sejam significativos para a realidade do aluno e o façam refletir criticamente sobre seu mundo a partir da leitura de diferentes textos, os quais possibilitem um fazer pedagógico para além do exercício da leitura em língua inglesa entre seus participantes, mas para a troca de experiências, conhecimentos, a construção de significados e reflexão crítica.



METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia de pesquisa empregada neste trabalho é de cunho qualitativo. Pois, de acordo com os objetivos traçados, a intenção é fazer uma análise interpretativa dos dados coletados, de um determinado contexto público de ensino, para alunos do terceiro ano do Ensino Médio, através de alguns instrumentos distintos, que consiste em questionários e transcrições de gravações, entrevistas semiestruturadas com os alunos, diário de pesquisa da professora-pesquisadora e, depoimento final da professora-participante, além de algumas sessões reflexivas realizadas entre a pesquisadora e a professora efetiva da turma.

Dessa forma, busca-se realizar a interpretação e qualidade dos dados obtidos, pois, devido ao conteúdo e contexto da pesquisa, estes se caracterizam como subjetivo e não generalizáveis, porém justificáveis. O projeto considera a interação dos participantes por meio da leitura na língua-alvo e a discussão de diferentes temas contemporâneos. Para isso, são planejados, de forma colaborativa entre a pesquisadora e o professor, momentos de leitura e discussão por meio de diversos temas presentes e diferentes gêneros discursivos. Para motivar a conversação sobre o tema, distintas atividades serão desenvolvidas através de perguntas norteadoras, discussão de textos em duplas, grupos e com toda a turma. Além disso, busca-se incentivar a exposição de ideias, opiniões, experiências pessoais e a relação intertextual.

Neste cenário, o projeto objetiva utilizar a língua inglesa como um instrumento para a reflexão de temas de caráter político-social, tais como: classe, etnia, gênero, sexualidade, etc., por meio da leitura de textos autênticos. A metodologia da pesquisa vincula-se, portanto, à busca de uma intervenção crítica no contexto de ensino-aprendizagem da língua inglesa. Compreende-se que, a presença dessa prática em sala de aula se encontra em evidência no contexto acadêmico. Além disso, seus estudos, em relação à sua aplicabilidade e relevância, vêm sendo realizados e discutidos, primordialmente, na área da Linguística Aplicada Crítica (LAC).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscar um avanço em direção a melhorias no âmbito educacional é condição essencial no fazer pedagógico do profissional da educação. Nesse sentido, essa pesquisa, por meio das discussões apresentadas, procura sugerir uma estratégia possível para o desenvolvimento do



aprendiz da língua inglesa. Sendo assim, delimita-se nesta pesquisa o desenvolvimento da criticidade, através da leitura de textos autênticos, com o intuito de demonstrar que, por meio desses textos nos diversos gêneros, o leitor será capaz de aprimorar sua capacidade discursiva e reflexiva.

Essa pesquisa, parte da indagação de como os textos autênticos podem auxiliar no desenvolvimento da criticidade no ensino de língua inglesa e, se é possível colaborar para a formação do cidadão através do ensino regular de um contexto público. Acredita-se que uma abordagem de ensino centrada na utilização de textos autênticos em língua inglesa pode tornar a aprendizagem mais significativa e situada ao contexto social dos participantes, além de possibilitar uma leitura mais ampla dos significados dos discursos presentes nos textos.

Vale salientar que para o desenvolvimento da criticidade no ensino da língua inglesa, parte do professor assumir uma postura reflexiva sobre sua própria metodologia e se conscientizar da sua responsabilidade social por influenciar na formação da identidade dos aprendizes. É como mediador do conhecimento que o professor pode incentivar o aluno a adquirir uma postura crítica e reflexiva perante os textos e suas ideologias, o que pode motivar a autonomia desse indivíduo.

Dessa forma, compreende-se que desde a formação de professores até a prática do ensino de língua inglesa nas escolas é preciso adotar um caráter crítico que privilegie o contexto sócio-histórico e cultural do aprendiz e extrapole o modelo tradicional de ensino dessa língua, pautado nos aspectos gramaticais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. S. **O ensino interdisciplinar de língua inglesa**. Conceição do Coité, 2011.

Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/BPJCA/o-ensino-interdisciplinar-de-lingua-inglesa>>.

Acesso em: 02 abr. 2015.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Hucitec: 12 ed. 2006. p. 124. Disponível em:

<http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/MARXISMO_E_FILOSOFIA_DA_LINGUAGEM.pdf>.

Acesso em: 20 abr. 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

EDMUNDO, E. S. G. **O ensino de inglês na escola pública sob a perspectiva do letramento crítico**. Curitiba, 2010. Disponível em <



<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24961/DISSERTACAO%20ELIANA%20SANTIAGO.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

FAIRCLOUGH, N. **Global capitalism and critical awareness of language**. Landcaster University, v. 8, n. 2, 1999. Disponível em: <<http://eprints.lancs.ac.uk/8546/1/la0080071.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. **Para entender o texto: leitura e redação**. 16 ed. São Paulo: Ática, 2003.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.

HUSSEIN, C. L. **Leitura crítica: ensino e aprendizagem**. 1982. Disponível em: <carmenluciahussein.com.br/pagina.php?id=17>. Acesso em: 27 abr. 2015.

JORDÃO, C. M. **As lentes do discurso: letramento e criticidade no mundo digital**. Campinas, v. 46, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/tla/article/view/1846>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P.(org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: parábola editorial, 2006.

LEFFA, V. J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. Pelotas, 2001, v. 1, p. 333-355.

LIBERALI, F. C. **Atividade social nas aulas de língua estrangeira**. São Paulo: MODERNA, 2009.

LIMA, L. R. Texto e discurso no ensino de inglês como língua estrangeira. In: LIMA, D. C. (org). **Ensino aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 47-51.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionisio, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 19-38.

OLIVEIRA, E. L. R. **Textos autênticos em aulas de língua inglesa: analisando o seu uso no contexto da escola pública**. Uberlândia, 2005. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/2135/1/TextosAut%C3%AAnticosAulas.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2015.



- ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. São Paulo: Pontes, 2001.
- PAIVA, V. L. M. de O. e. A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. In: STEVENS, C. M.T. e CUNHA, M. J. **Caminhos e colheitas**: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil. Brasília: Unb, 2003. p. 53-84.
- PENNYCOOK, A. A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I. e CAVALCANTI, M. C. (orgs). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 23-49.
- RAJAGOPALAN, K. **Por uma lingüística crítica**: linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- WIDDOWSON, H. G. Autonomous learner and authentic language. In: LEFFA, V. J. **Autonomy in language learning**. Porto Alegre: UFRGS, 1994. p. 381-394.